

DISPOSITIVA: REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA PUC MINAS

Volume 7, número 11, 2018

Dossiê Mídia e memória: presentismos do passado

*Editores convidados: Prof. Dr. Frederico Tavares (UFOP) e Prof. Dr. Mozahir Salomão
Bruck (PUC Minas)*

APRESENTAÇÃO

O conceito de memória, mais que um iluminador de questões e estudos no campo das Ciências Humanas, Sociais e outras, é hoje também uma apropriação. Nas pesquisas realizadas na área de Comunicação, sua presença marca um conjunto de olhares diferenciados sobre distintos problemas de estudo, mas também aponta para singularidades que ajudam a pensar este próprio campo, bem como a natureza dos objetos que orbitam em seu interior. Em outras palavras, a memória carrega duplamente uma atualidade: corresponde a um aparato para pensarmos o tempo, os atravessamentos entre presente e passado, as tensões temporais que perpassam o entendimento cruzado sobre o futuro e suas temporalidades; como também é um conceito atual ele mesmo, figurando como eixo contemporâneo de problematizações comunicacionais.

O conjunto de textos do Volume 07, número 11, da Revista Dispositiva, edição do primeiro semestre de 2018, aponta para essa direção. Os seis primeiros trabalhos compõem o dossiê *Mídia e memória: presentismos do passado* e congregam, como contribuição, uma unidade diversa composta por pesquisas que ora apontam para objetos específicos, ora indicam, em conclusões e revisões teóricas, a possibilidade de tensionar a memória sob investidas autorais e de específico valor, também permitindo um olhar amplo sobre a própria ideia de mídia, bem como de processos comunicacionais.

Abre o dossiê o texto do professor Luis Mauro Sá Martino, “Dispositivos comunicacionais e memória do sagrado na igreja medieval de S. Nicolau em Dereham, Inglaterra”. No artigo, tendo como objeto este templo religioso, formula-se um conjunto de reflexões sobre a constituição de alguns dispositivos históricos, observando, a partir de uma

pesquisa documental e de campo, “de que maneira a tensão entre discursos, práticas e conceitos se articula na trama arquitetônica e nos objetos presentes na atualidade”. O texto detém-se sobre a construção da imagem “sagrada” do lugar estudado e coloca em evidência a contribuição do conceito de dispositivo para pensar práticas históricas e contemporâneas, tendo em vista suas dimensões operatórias. Reflete, assim, sobre questões em torno do poder e sua experiência social, sobre a elaboração acerca de uma mentalidade religiosa e também sobre linhas de força tecidas por um dispositivo ao longo de séculos, ou seja, temporalmente.

O segundo texto, de autoria de Hérica Lene Brito, “Memória e tradição: jornais centenários em busca de sobrevivência em tempos de convergência midiática”, olha para um outro tipo de duração, esta relacionada à atual “fase de vida” de jornais centenários no Brasil. A autora pergunta sobre as estratégias de sobrevivência atuais de seis jornais brasileiros fundados no século XIX: *O Fluminense* (1878); *Tribuna do Norte* (1882); *Gazeta de Minas* (1887); *O Taquayrense* (1887); *Gazeta de Ouro Fino* (1892); e *A União* (1893). O contexto da problematização gira em torno do cenário da “crise do jornalismo” vivida hoje pelos periódicos a partir das mudanças proporcionadas por novas tecnologias digitais e, conseqüentemente, pelos novos hábitos de consumo e produção dos meios que daí se formaram. Por meio de levantamento bibliográfico, pesquisa nos sites dos jornais e entrevistas com os dirigentes (diretores, editores ou chefes de redação) dos veículos, reflete-se no texto sobre a tradição como um importante capital simbólico de longevidade e adaptação destes jornais. Além de tensionar os conceitos de memória e história à noções específicas sobre o jornalismo e suas dinâmicas em um cenário de convergência cultural e midiática.

O terceiro texto do Dossiê, “Memória e Silenciamento: a cobertura do jornal *O Globo* sobre o Cemitério dos Pretos Novos”, também trata do âmbito dos jornais. Tem como objeto principal a cobertura realizada pelo jornal *O Globo* sobre o Cemitério dos Pretos Novos, sítio arqueológico no Rio de Janeiro, na Zona Portuária da cidade. A pesquisa perpassa quatro momentos temporais da abordagem do jornal: 1996 (momento de descoberta da necrópole), 2005 (quando o local se tornou um instituto de pesquisa), 2010 (momento em que as especulações sobre as obras na Zona Portuária do Rio de Janeiro começaram) e 2017 (quando uma crise financeira alcançou o Museu e o Instituto). O artigo problematiza o alijamento das vozes negras na cobertura jornalística sobre o Cemitério dos Pretos Novos, revelando uma chave de interpretação para questionar o papel de atuação do jornalismo na neutralização e silenciamento do “potencial questionador das falas e da memória negra na história da cidade

do Rio de Janeiro e do Brasil”. As autoras, Mônica Sousa e Larissa Siqueira, concluem que as matérias publicadas nos anos escolhidos para análise “ignoraram a existência de movimentos negros” que pudessem falar sobre os contextos narrados e também revelam a ausência de uma crítica acerca das questões governamentais envolvidas, deixando à mostra uma produção de sentido jornalística que esvazia a memória sobre o local histórico em questão.

O quarto artigo, de Juliana Marília Coli e Raphael Fernandes Lopes Farias, “Estética e memória da canção das mídias a partir dos registros fonográficos das cantoras do rádio nos anos 1950”, analisa como memórias individuais e coletivas são transmitidas por meio de canções e performances que circularam na mídia sonora brasileira em meados do século XX. Os autores analisam as influências estéticas, sociais e midiáticas de duas cantoras populares do rádio, Juanita Cavalcanti e Dalva de Oliveira, ambas “personagens vocais midiáticas”, observando como a oralidade e suas materialidades “criam gostos estéticos e interpretações que marcam períodos e transitam por épocas”.

O texto seguinte, “Memória, cinema e fotografia: reflexões sobre o filme *Ulysse*, de Agnès Varda”, problematiza a relação entre memória e documentário a partir do conceito de *cinécriture* criado pela cineasta Agnès Varda. A autora Ana Paula Silva Oliveira analisa o curta-metragem *Ulysse*, de 1982, e tem como pano de fundo o tensionamento entre perspectivas conceituais e empíricas sobre a fotografia e o cinema. Ao final, o documentário é visto como um modo de escrita, que possibilita a interpretação de uma história e também como um espaço de reflexão sobre a relação entre a memória, o cinema e a fotografia. O movimento do texto revela uma abordagem autoral que captura a densidade da proposta de Varda e, ao mesmo tempo, resulta em um trabalho bem elaborado com o cruzamento de abordagens filosóficas dos pensamentos de André Bazin, Walter Benjamin e Gilles Deleuze e outros autores.

O penúltimo texto do Dossiê, “*Stories* e seus construtos de temporalidade: a presentificação de um passado recente”, de Lorena Risse, propõe uma reflexão acerca de “construtos de tempo nas novas mídias”, tendo os *stories* das redes sociais digitais como reveladores de uma qualidade efêmera – e contemporânea – da comunicação, evidenciada pela sua maneira de contar histórias. Segundo a autora, os *stories* são um território no qual essa potência fica evidenciada, e “colocam-se na contramão de, por um lado, uma onda de aplicativos de sociabilidade que oferecem possibilidades de visualização ilimitadas em forma de arquivo, e por outro, das mídias tradicionais como a TV e o cinema, que funcionam pela

lógica da massificação e da imagem como superfície que demanda um olhar mais atento”. Como afirma Risse, os *stories* agenciam experiências “por meio de uma superfície imagética de dispersão que incita um olhar mais nervoso”, criando uma forma comunicacional que “suscita um olhar passageiro”, mas, principalmente, que instaura um “tempo cada vez mais próximo do presente, do instantâneo”.

Ainda com o audiovisual em foco, e fechando o Dossiê, o artigo “Memória e narração na tradução televisiva de *Dois Irmãos*”, de Letícia Capanema, examina a adaptação televisiva do livro *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, exibida pela Rede Globo em 2017. O olhar da autora perpassa os caminhos da adaptação como tradução, da literatura à TV, problematizando como essa “transposição criativa” aciona e é acionada por relações entre memória, esquecimento e narração. Na reflexão, Capanema sublinha o tempo como personagem e também “elemento essencial para o processo de rememoração, pois coloca em tensão passado e presente. A narração da memória dá novos significados ao passado e constitui sujeitos no presente”. Como argumenta a autora, “se podemos chegar a alguma conclusão sobre a poesia da memória em *Dois Irmãos*, recorremos às palavras do velho [personagem] Halim: é preciso narrar o passado para que ‘o tempo transforme nossos sentimentos em palavras verdadeiras’.”

O conjunto dos artigos do Dossiê, uma vez articulados, faz emergir uma perspectiva multiangular sobre a memória. O feixe de materialidades problematizadas revela as presenças de distintas temporalidades a partir de fenômenos que não dizem respeito apenas às dinâmicas da mídia, mas também às historicidades que as envolvem (em suas dimensões éticas e estéticas), perguntadas sob o viés da Comunicação.

Nesse sentido, os três últimos textos desta edição concretizam esse olhar comunicacional focando: nas novas tecnologias no contexto da recepção transmidiática, na crítica musical sobre o trabalho do cantor Tom Zé e em análises de interações comunicacionais em um contexto organizacional. O primeiro texto é o ensaio de Guilherme Libardi, “A materialidade das novas tecnologias no contexto da recepção transmidiática”, que propõe “uma articulação entre a teoria da materialidade e os estudos de recepção considerando o contexto de transmídiação que se desenvolve no cenário social e tecnológico atual”.

Os dois artigos finais lidam conceitualmente com correntes teóricas específicas e valiosas para as problematizações construídas, tendo foco, cada um deles em dois autores

centrais. O texto de Larissa Caldeira Gaspar Padre e Jorge Cardoso Filho, “*Estudando o Samba: crítica musical e o estético-político no disco de Tom Zé*” tem como eixo o conceito de “partilha do sensível”, de Jacques Rancière, e questiona “quais os valores chamados em causa na experiência com o álbum *Estudando o Samba* e quais as disputas sensíveis se apresentam nos argumentos críticos publicados em jornais e revistas especializados em música da época de lançamento do disco, década de 1970 no Brasil. Finalizando a edição, o artigo de Dôuglas Aparecido Ferreira, “Ator sincero e ator cínico: a análise das interações comunicacionais no contexto organizacional a partir da perspectiva dramatúrgica de Erving Goffman”, centra a atenção na perspectiva do Interacionismo Simbólico para “compreender as complexas relações comunicacionais que se dão no contexto das organizações”. Os conceitos de “ator sincero” e “ator cínico”, de Erving Goffman, aparecem como operadores analíticos para observar e refletir sobre relações entre trabalhadores subordinados e subordinadores, analisando estratégias de comunicação e representações de papéis sociais que marcam o jornal *Piãoneiro/Roda Livre*, “um produto de comunicação de curta duração desenvolvido por um empregado do setor de logística para ser uma publicação não-oficial de uma empresa de pequeno porte do interior de Minas Gerais atuante no ramo de distribuição de peças para o mercado de bicicletas”.

Dossiê e demais textos, como se vê, sugerem uma linha fina de diálogo, além de despertar para futuras contribuições a partir de desdobramentos de estudos e novas edições dessa revista. Parafraseando a ideia de Paul Ricoeur sobre os rastros, podemos dizer que cada texto deste volume, ao seu modo, deixa pistas, deixa restos para pensarmos um tempo: seja um presente da pesquisa comunicacional, seja um conjunto de passados e outras temporalidades que cercam nossos objetos e nossa existência humana.

Boa leitura!